

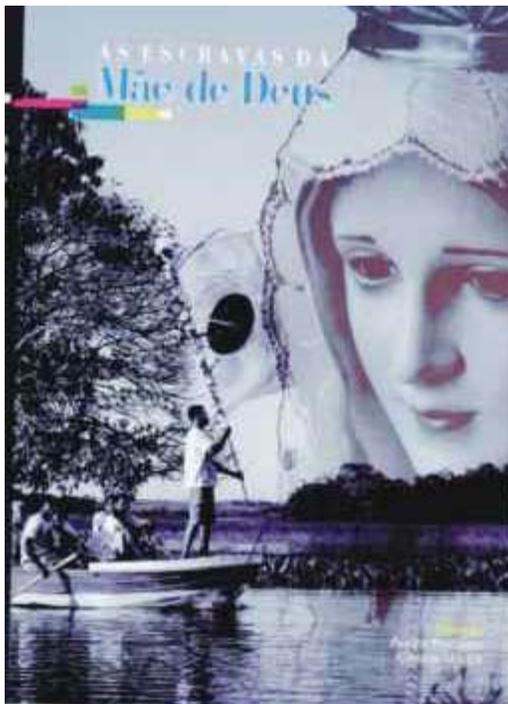
**\* \* Novas escrituras e mediações em saúde**

**"As Escravas da Mãe de Deus" ou uma etno-história através de imagens e sons"**

DOI: 10.3395/receis.v5i4.562pt

**José Luís de Oliveira e Silva**

Licenciado em História pela Universidade Estadual do Piauí. Especialista e Mestre em História do Brasil pela Universidade Federal do Piauí. Doutorando em História pela Universidade Federal de Goiás. É professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí (IFPI). Desenvolve pesquisa em História e Linguagens, em especial a cinematográfica.  
jlcio@yahoo.com.br



**Sinopse**

Numa pequena comunidade de afrodescendentes no distrito de Santana, no Estado do Amapá, é realizado anualmente, nos meses de junho e julho, um festejo em louvor a Nossa Senhora da Piedade, a festa das "Escravas da Mãe de Deus". Na comemoração, fiéis celebram e vivenciam crenças seculares, praticam rituais repletos de símbolos, sentidos e significados que trazem as marcas da diversidade e da convivência entre povos e culturas que se fizeram presentes desde o início da colonização no Brasil.

**Ficha Técnica**

Duração: 26 minutos.

Ano de lançamento: 2011.

Projeto: Decleoma Lobato.

Roteiro: Áurea Pinheiro.

Direção: Áurea Pinheiro e Cássia Moura.

Montagem: Cássia Moura.

Edição: Mário Platão.

Trilha sonora original: Sergio Matos.

Produção: Educar: artes e ofícios. E-mail:educarteseoficios@gmail.com

**O filme**

O documentário etnográfico "As Escravas da Mãe de Deus", que agora tenho o prazer e a grande

responsabilidade de apresentar ao leitor, tem a direção da historiadora Áurea Pinheiro e da fotógrafa e documentarista Cássia Moura. O filme possibilita pensar não apenas o patrimônio cultural imaterial presente em um dos muitos e quase desconhecidos “pedacinhos de Brasil”, mas também problematizar o lugar de confecção da produção, que alia – de forma muito equilibrada – Cultura, História e Cinema. Esse equilíbrio, com o rigor metodológico, a riqueza de informações e, sobretudo, a beleza singela que marca cada momento do filme, se deve, e muito, à formação, ao compromisso ético e ao amadurecimento profissional que as suas diretoras acumularam através da produção de outros dois documentários: “Passos de Oeiras” (2008) e “Congos: Ritmo e Devoção” (2009), ambos reconhecidos e financiados por agências nacionais e internacionais.

A despeito das leituras e impressões que cada possível espectador possa ter frente à experiência com as suas imagens e sons, o documentário já se mostra como fruto de um trabalho duplamente vitorioso. Primeiro, porque a sua realização só foi possível devido ao financiamento de instituições como a Capes e a Petrobras, o que demonstra a viabilidade e a importância do projeto-roteiro inicial – a produção foi uma das vencedoras do concorridíssimo edital Etnodoc-2009 patrocinado pela estatal petrolífera brasileira, ficando em 10º entre 706 projetos inscritos. “As Escravas” é vitorioso também porque traz um olhar honesto e verdadeiro (sem a ingenuidade que envolve a busca, quase sempre infrutífera, pelo “verídico”) sobre experiências culturais desconhecidas do grande público.

As “Escravas da Mãe de Deus” registra uma das práticas culturais de Igarapé do Lago, pequena comunidade do interior do Amapá. Lá, a cada ano, em junho e julho, é realizada a festa popular em louvor a Nossa Senhora da Piedade. Nela, as participantes – embora não seja festividade restrita a mulheres, e a maioria dos praticantes e organizadores sejam homens – recebem a alcunha que serviu para nomear o filme. Os fiéis – ou “foliões”, como sugestivamente os participantes se autodenominam – mantêm vivas uma série de práticas que envolvem músicas e danças (que fazem lembrar os batuques presentes em outras manifestações culturais indígenas e de origem africana existentes no território brasileiro), personagens (o mestre-sala, o mantenedor, a guardiã, o labarheiro, o bandeirista, os tamboristas, os batoqueiros e os remadores), símbolos (imagens sacras, labarda, bandeiras, tambores, pedra de penitência e barcos) e rituais (da esmolação, de preparo das mesas de promessas e da fabricação da cachaça de gengibre) que dão uma rica amostra do hibridismo cultural que marca o cotidiano da população local.



As celebrações que envolvem as festividades em homenagem à santa possibilitam uma aliança entre a fé popular, as práticas de sociabilidade e o revigorar das memórias familiares e afetivas. Não são gratuitas as demonstrações de choro incontido pelo reviver da memória de parentes e amigos mortos e que também tiveram as suas vidas dedicadas à celebração ou pela simples emoção de ter a imagem da santa sendo recebida em casa. O que mais chama a atenção, e, acredito, o leitor não conseguirá ter uma vívida dimensão desse aspecto até que assista ao documentário, é que essas demonstrações de fé passam longe das imagens de tristeza, sofrimento e dor que acompanham a maioria das produções que abordam a temática da fé popular. Os relatos dos entrevistados demonstram mais a saudade e a gratidão para com a memória daqueles que partiram do que a dor de não tê-los mais presentes na festa. No mesmo sentido, muitas das falas comuns entre os entrevistados – “a santa vai visitar”, “eu gosto tanto dessa santa” – demonstram que o respeito e a devoção pela entidade sagrada não exclui certa relação de intimidade e afeto (porque não falar em cumplicidade?) com os populares participantes da celebração.



Toda essa riqueza de detalhes e ritos que salta da festividade das Escravas da Mãe de Deus parece só chegar ao espectador pela maestria e sensibilidade com as quais o documentário foi pensado. Em nenhum momento, houve a preocupação de fazer a câmera se antecipar aos participantes da celebração em suas ações como forma de explicá-las ao espectador (desde o início, as tomadas de imagens apenas acompanham os passos dos fiéis). Do mesmo modo, o roteiro (bem elaborado e executado, o que claramente deixou as personagens mais à vontade para abrir suas casas e memórias a desconhecidos) possibilitou que os participantes explicassem suas respectivas funções na celebração, sem que isso parecesse com uma aula de algum famoso antropólogo catedrático ou de um historiador que se preocupa em encontrar uma explicação “histórica” para tudo.



Nesse sentido, “As Escravas da Mãe de Deus” demonstra uma maturidade que só é encontrada nas melhores produções documentais realizadas no Brasil nas últimas décadas. Seus realizadores sabem que as verdadeiras estrelas são as personagens e não os entrevistadores; sabem que as vozes que o espectador quer ouvir são aquelas materializadas em pessoas reais – logo o documentário não se utiliza da “voz de Deus” que parece saber tudo e conhecer a todos – ; sabem que o espectador é suficientemente capaz para tirar suas próprias conclusões e aprendizados; sabem que, em alguns momentos, as emoções particulares não podem – ou simplesmente não devem – ser explicadas racionalmente. Em resumo, os realizadores do documentário sabem que não há necessidade de aparecerem frente à câmera ou monopolizarem a fala para que tenham seu trabalho reconhecido.

Para um olhar mais acurado do filme, chamo ainda a atenção para três aspectos que, acredito, não podem passar despercebidos pelo olhar inquisidor do espectador. O primeiro deles é a possibilidade e o convite feito pelo filme para conhecer o outro e reconhecer a si próprio, seja pelo estranhamento frente a uma cultura até então desconhecida, seja pela surpresa de, em meio a esse inevitável e desconfortante estranhamento, reconhecer pontos de similitude com a sua própria cultura.



O segundo aspecto que ressaltado do filme é o modo como as diretoras, intencionalmente, escapam dos lugares comuns através dos quais geralmente são retratadas as práticas religiosas, sobretudo as ditas populares. Áurea e Cássia não buscam interpretar aquela comunidade ou os seus sujeitos (mesmo tendo a consciência de que a câmera e o microfone funcionam como seus olhos e ouvidos, logo não podem ser imparciais, a historiadora e a fotógrafa não silenciam ou buscam falar em nome dos seus "documentados"). Elas percebem, logo de início, que a riqueza e a magnitude do seu trabalho não estariam em apontar as possíveis causas ou origens do ato religioso que registram. Ao contrário, a verdadeira riqueza está na própria prática religiosa, na sensibilidade e na devoção dos idosos e jovens, das mulheres e homens comuns, que, periodicamente, deixam de lado seus afazeres diários (quem sabe a sua timidez, os seus receios ou as suas tensões e desafetos) para se dedicarem a um ritual secular que, como eles mesmos reconhecem, traz as marcas identitárias que singularizam o lugar.

Por último, e não menos importante, há de se destacar a forma audaciosa com que se fez uma produção cinematográfica que não deixa de ser, também, uma obra histórica e historiográfica, ainda que essa escrita da história se dê por imagens e sons. "As Escravas da Mãe de Deus" nos mostra o quão possíveis são as práticas que se propõem a trabalhar na fronteira - neste caso uma tríplice fronteira - da Historiografia, do Cinema e da Etnografia. No filme, os limites entre esses territórios parecem nos dar uma importante lição sobre o real significado do termo fronteira: um marco que delimita, a um só tempo, o fim e o início de um território e que separa e aproxima entes diferentes. Se esses três campos do saber devem manter suas particularidades como uma forma saudável de demarcarem um lugar e não correrem o risco de se diluírem em campos alheios, por outro lado, o filme "As Escravas da Mãe de Deus" mostrou que o diálogo e a convivência entre os três campos não só é possível como, se bem feita, é frutífera para todos.